

O “Mundo interior” de Machado de Assis

The “inner world” of Machado de Assis

Flávia Amparo*

O presente artigo faz um estudo da poesia e da prosa de Machado de Assis, partindo da leitura do poema “Mundo interior”, em contraponto às ideias de outros autores como Shakespeare, Goethe e Poe acerca da natureza humana e das contradições inerentes ao homem.

This paper is a study on the poetry and prose of Machado de Assis. It focuses on the poem “Inner World” as opposed to the ideas of other authors such as Shakespeare, Goethe, and Poe about human nature, and the contradictions inherent to man.

Palavras-chave: Machado de Assis. Poesia. Prosa. Shakespeare. Goethe. Poe.

Key words: Machado de Assis. Poetry. Prose. Shakespeare. Goethe. Poe.

A leitura do diálogo goethiano entre Fausto e Mefistófeles, que antecede o pacto, nos revela o maior desejo do homem: “a aspiração suprema”, ou seja, atingir a totalidade do universo e gozar de todos os prazeres sem temer dor alguma. Resume o antigo desejo de Adão e Eva no *Gênesis*: adquirir o conhecimento do bem e do mal e igualar-se a Deus.

Entrego-me ao delírio, ao mais cruciante gozo
Ao fértil dissabor como ao ódio amoroso.
Meu peito, da ânsia do saber curado,
A dor nenhuma fugirá do mundo,
É o que a toda a humanidade é doado,
Quero gozar no próprio Eu, a fundo,
Com a alma lhe colher o vil e o mais perfeito,
Juntar-lhe a dor e o bem-estar no peito,
E, destarte, ao seu Ser ampliar meu próprio Ser,
E, com ela, afinal, também eu perecer.¹

Mefistófeles, porém, desfaz as ilusões do Doutor, ao afirmar que essa totalidade desejada é impossível de ser atingida pelo homem, pois é reservada apenas ao Ser Divino. Ainda que as criaturas acumulem virtudes, adquiram saberes supremos e desvendem os grandes mistérios, ainda assim, afirma Mefistófeles: “nomearia um cavalheiro como esse/ **Dom Microcosmo** – se o conhecesse.” (grifo nosso) - e, mais adiante, conclui “No fim sereis sempre o que sois/ Por mais que os pés sobre altas solas coloqueis,/ E useis perucas de milhões de anéis,/ Haveis de ser sempre o que sois”.²

Seguindo essa ótica, nenhum conhecimento, portanto, pode conferir ao homem

* Professora Adjunta de Literatura Brasileira da UFF, Niterói/RJ - Brasil.

¹ GOETHE, Johann W. *Fausto*: uma tragédia. 1ª parte. (trad. Jenny Klabin Segall). São Paulo: Ed.34, 2004. p. 175.

² Idem. p.177

a capacidade totalizadora que ele almeja, já que sempre haverá de ser o mesmo, diante do bem ou do mal, indistintamente. Mefistófeles concede, ironicamente, ao homem o título de **Dom Microcosmo**, “senhor” de um pequeno mundo, embora este lhe fuja completamente ao controle.

Machado de Assis parece refletir profundamente acerca dessas questões do Macrocosmo e do Microcosmo em seu poema “Mundo interior”. Assim, faria a oposição entre o mundo exterior e o interior, só que, ao contrário, esse “mundo interno” parece ainda mais complexo e abismal; portanto, indevassável ao olhar do próprio ser.

Ouçó que a natureza é uma lauda eterna
De pompa, de fulgor, de movimento e lida,
Uma escala de luz, uma escala de vida
De sol à ínfima luzerna.

Ouçó que a natureza, - a natureza externa, -
Tem o olhar que namora, e o gesto que intimida,
Feiticeira que ceva uma hidra de Lerna
Entre as flores da bela Armida.

O poeta, logo de início, apontaria duas visões sobre a Natureza, o Macrocosmo, identificadas pela expressão “ouçó que”, ou seja, não é o julgamento pessoal que está sendo expresso pelo eu lírico, mas os conceitos formulados pela opinião geral. Na primeira estrofe, apresenta uma visão idealista da natureza, que seria uma definição harmoniosa de que tudo se encaixa no Universo, e de que tudo nele está construído para equilibrar os seres, do mais mínimo ao máximo: “do sol à ínfima luzerna”. Na segunda estrofe, porém, verifica-se uma visão com laivos de pessimismo, que muito se assemelha à idéia da Natureza-Pandora, que reúne bem e mal, que tanto namora quanto intimida. Como no poema “Uma criatura”, ela pode cingir em seu âmago o “belo e o monstruoso”, ou ainda, ser uma hidra de Lerna junto às flores mais sublimes.

Baseando-se nessas duas concepções, o poeta passa a refletir sobre a principal questão do poema: o mundo interior. A partir de então, os versos vão revelar a experiência do Eu, envolvido num mergulho em sua mais profunda consciência, até declarar o completo desnorreamento frente ao abismo que descobre em si.

E contudo, se fecho os olhos, e mergulho
Dentro de mim, vejo à luz de outro sol, outro abismo
Em que um mundo mais vasto, armado de outro orgulho,

Rola a vida imortal e o eterno cataclismo,
E, como o outro, guarda em seu âmbito enorme,
Um segredo que atrai, que desafia, - e dorme.

Inversamente proporcional, o Macrocosmo estaria refletido no interior do

homem; portanto, não se consegue chegar a nenhuma convicção sobre o exterior e o interior, ambos são abismos, em que o mistério, o grande mistério do existir, está encoberto com um véu e longe do nosso discernimento. Nem a mais sábia intuição consegue adentrar esse mundo, embora, como esfinge, ele atraia, desafie, permanecendo inviolável. É como no mito de Maya: o véu da ilusão continuamente encobre os olhos dos mortais e lhes “faz ver um mundo que não se pode dizer se existe ou não existe, um mundo que se assemelha ao sonho”³.

Nada é palpável no poema. O “ouço que”, não passa de mera hipótese. No entanto, o “eu” sente, vê, intui, todo um universo interior, de “vida imortal” e “eterno cataclismo” – criação permanente e permanente destruição. A imagem do íntimo assemelha-se a um grande espelho invertido, que reflete no interior do homem a grandeza e o mistério da natureza externa: no seu âmbito enorme, revela, todavia, um abismo ainda mais insondável.

O que Machado parece trazer à tona é a subjetividade do homem, que domina todo o universo e o submete à sua própria vontade. Nesse ponto, podemos considerar que na acepção machadiana o Macrocosmo é uma invenção humana, projetada pela sua própria ilusão. Toda realidade está submetida a essa concepção individual, à ideia que cada um traz de si em relação ao mundo.

É interessante observar que, nas *Memórias*, o relato do delírio não se apresenta, de fato, como uma experiência de morte de Brás, ou um relato de definitiva passagem de um a outro plano. Lembremo-nos de que ele apenas “delira”, e, em seguida, retorna ao leito de agonia. Resta a dúvida: realidade ou sonho? Quando morre “em definitivo”, Brás simplesmente não descreve, não fala quase nada desse outro universo, pelo contrário, vai tratar apenas das experiências que teve no mundo dos vivos.

De igual modo, em muitas narrativas, Machado ilustra os enganos do homem em relação ao ambiente que o cerca, empregando diversos elementos para demonstrar essa hipótese. Em “Ideias de canário”, por exemplo, usa o pequeno pássaro para ilustrar que o ponto de vista e a opinião se diversificam de acordo com o ambiente em que cada um se encontra.

Como o axioma do Dr. Pangloss, de Voltaire, “O nariz foi feito para o uso dos óculos”, o homem crê que tudo ao seu redor foi feito para si e que todo o Universo a ele está submetido. Assim, existem várias verdades que se adaptam de acordo com a situação que se pretende configurar. Tudo está submetido à subjetividade humana, ao “Dom Microcosmo”.

A dúvida, por sua vez, é um sentimento intrínseco ao homem, que oscila entre razão e vontade, entre o bem e o mal, sem chegar a uma concepção exata do seu próprio Eu. Essa oscilação configura uma marca das personagens machadianas, sempre indecisas em relação à realidade que as cerca. Do mesmo modo, a poesia de *Ocidentais* demarca o

³ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Trad. M.F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001. p.14

território das vacilações humanas, que geram eternos suplícios. A ambiguidade da alma humana é a principal causa desse desnorreamento.

Entre Deus e o diabo, oscila o homem - como Mefisto parece concluir diante da contínua insatisfação de Fausto, que ora se entrega e ora se lamenta pelos resultados:

Tornamos aos confins do vosso entendimento, lá, onde a vós mortais, o juízo se alucina. Por que é que entraste em comunhão conosco, se és incapaz de sustentá-la? Almejas voar e não te sentes livres da vertigem? Pois fomos nós que a ti nos impusemos, ou foste tu que te impusestes a nós? ⁴

Usando a forma “nós”, Mefisto situa o homem como centro da oposição Deus x diabo, continuamente alternando de crença, mas seguindo unicamente suas próprias convicções ou ilusões. De igual modo, Machado configuraria esse dualismo do homem no conto “A igreja do diabo”, e conclui que dificilmente a natureza humana pode optar por um único lado.

O princípio da dubiedade e da contradição será expresso nos poemas de *Ocidentais*, tanto nas composições do autor, quanto nas traduções dos clássicos. Em “Perguntas sem resposta”, por exemplo, Machado trabalha com o princípio da harmonia e do equilíbrio clássicos, representado por Vênus (configurada como estrela), em oposição aos discursos da fé e da esperança - que no poema parecem gerar dor e sofrimento -, na pessoa de Maria.

Vênus formosa, Vênus fulgurava
No azul do céu da tarde que morria,
Quando à janela os braços encostava
Pálida Maria.

(...)

E o coração, que de prazer lhe bate,
Acha no astro a fraterna melodia
Que à natureza inteira dá rebate...
Pálida Maria.

Maria pensa: “Também tu, decerto,
Esperas ver, neste final do dia,
Um noivo amado que cavalga perto,
Pálida Maria?”

Maria enxerga no astro, assaz distante, um reflexo dos próprios anseios, e chega a chamar Vênus pelo seu nome: “Pálida Maria”. Porém, ao contrário de “pálida”, sabemos, logo na primeira estrofe, que Vênus “fulgura”. Além do distanciamento espacial, há uma oposição marcada entre a palidez de Maria e o brilho de Vênus. Por outro lado, enquanto a primeira preocupa-se com o noivo e com a felicidade, a outra parece indiferente ao destino dos homens. As perguntas da moça ficam sem resposta, embora sua ilusão

⁴ GOETHE. *Fausto*. Op. cit. p.493.

tente submeter as coisas ao redor à sua subjetividade, ou seja, o “microcosmo humano” percebe o Macrocosmo como espelho de sua alma, e, assim, tenta impor-se ao divino.

O noivo de Maria, entretanto, morre, e toda a expressão de júbilo que a tomava anteriormente transforma-se em tristeza e angústia. Se outrora notou em Vênus o reflexo de seus anseios pelo noivo, outra vez percebe, através do filtro da subjetividade, uma expressão melancólica no astro fulgurante, como se ele fosse solidário aos seus sentimentos.

Quando três sóis passados, rutilava
A mesma Vênus, no morrer do dia,
Tristes olhos ao alto levantava
Pálida Maria.

E murmurou: “Tens a expressão do goivo,
Tens a mesma roaz melancolia;
Certamente perdeste o amor e o noivo,
Pálida Maria?”

Vênus, porém, Vênus brilhante e bela,
Que nada ouvia, nada respondia,
Deixa rir ou chorar numa janela
Pálida Maria.⁵

O poema “Perguntas sem resposta” nos remete ao episódio que encerra o romance *Quincas Borba*, que, por sua vez, é um contraponto à cena inicial em que Rubião admira a enseada de Botafogo e acredita ser possuidor de tudo o que o cerca, incluindo da paisagem: “Olha para si, para as chinelas (...), para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade”.⁶

A “sensação de propriedade”, do ponto de vista material de Rubião na leitura de si e do mundo, equivale à interpretação equivocada de “Pálida Maria” em relação à estrela, que a sua curta visão tende a interpretar como solidária aos seus sentimentos. Ambas as situações apontam para a interpretação subjetiva do homem, que submete o Macrocosmo à sua ilusão de “propriedade” ou de ‘espelhamento”.

Na primeira situação, o indivíduo assume o papel totalizador, “o mundo pertence a mim”, enquanto, na outra situação, crê no espelhamento humano/divino: “o mundo representa a minha vontade”. No *Quincas Borba*, a cena seguinte é marcada pela afirmação do narrador: “Que abismo há entre espírito e coração!”, frase que se coaduna plenamente com as ideias presentes em “Mundo interior”. O narrador mergulha na alma de Rubião para colher todas as contradições que nela encontra. Eis o abismo do homem.

⁵ ASSIS, Machado de. *Obras completas*. 3 vol. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. p. 573-75.

⁶ Idem. 1 vol. p. 761.

O último capítulo de *Quincas Borba* apresenta a completa insanidade do personagem que acreditou que tudo poderia possuir, das chinelas ao céu, incluindo a bela Sofia. A mesma conclusão do poema “Perguntas sem resposta” surge nesse trecho final do romance, quando o narrador assim arremata a cena da demência e da pobreza de Rubião: “Eia! Chora os dous recentes mortos, se tens lágrima. Se só tens riso, ri-te! É a mesma cousa. O Cruzeiro, que a linda Sofia não quis fitar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens”.⁷

Como o Cruzeiro diante das dores e alegrias humanas, a Vênus fulgurante deixa rir ou chorar Maria, indiferente ao que o destino lhe reserva. Chegamos à mesma conclusão de Mefisto: o homem será sempre o que é - Dom Microcosmo-, independente de sua condição material ou de sua ciência. Nenhuma criatura humana pode controlar plenamente a razão ou o sentimento, nem pode definir o seu destino.

Também a filosofia de Quincas estaria, nessa página final do romance, desmentida, juntamente com a ideia de que “Humanitas” era o universo, atribuindo ao homem uma essência divina que se distribuía e se espelhava em todas as coisas que o cercavam, regendo-as segundo um princípio subjetivo de sobrevivência.

Humanitas é o princípio. Há nas cousas todas certa substância recôndita e idêntica, um princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível, - ou, para usar linguagem do grande Camões:

*Uma verdade que nas cousas anda,
Que mora no visível e invisível*

Pois essa substância ou verdade, esse princípio indestrutível é que Humanitas. Assim lhe chamo, porque resume o universo, e o universo é o homem.⁸

Seguindo a filosofia de Quincas, esse papel divino dado ao homem subverte o princípio cristão, ao atribuir a Humanitas um perfil messiânico, de sacrificar um determinado ser pelo bem da coletividade. A equiparação de Humanitas ao Salvador é feita de maneira oblíqua por meio da citação de versos camonianos. O trecho integra a Elegia XI, do bardo português, em louvor a Cristo: “Um saber infinito, incompreensível/ Uma verdade que nas cousas anda/ Que mora no visível e invisível./ Esta potência, enfim, que tudo manda,/ Esta Causa das causas revestida,/ Foi desta nossa carne miseranda.”⁹

Portanto, segundo a filosofia de Quincas, não é a centelha divina que se espalha em todo o universo, visível e invisível, mas sim a vontade humana que se projeta em cada indivíduo para garantir a sobrevivência da espécie. Não importa, pois, que uma criatura esteja se extinguindo, e sim que outro ser leve adiante o princípio de resistência e permanência da humanidade.

⁷ Idem. 1 vol. p. 928

⁸ Idem. Cap. VI. p. 766

⁹ CAMÕES, Luís de. *Obras de Luís de Camões*. 3 vol. Lisboa: Imprensa Nacional, 1861

A ilusão de *Quincas Borba* é a mesma de *Rubião*, supor que todo o Universo está submetido ao homem. O que Machado pretende mostrar é a indiferença desse Cosmo diante dos anseios humanos. Ambos os personagens são destruídos por sua filosofia, ou melhor, seguindo a etimologia da palavra: FILO-SOFIA. O primeiro, abraçando uma teoria científica, de aparente enriquecimento do espírito - "paixão pelo saber"; *Rubião*, na sua busca pela satisfação do corpo, seguindo o desejo que mostrara desde o início - "paixão por Sofia". Conclui-se que nem a ciência, nem os desejos materiais podem elevar o homem a essa posição superior, ao almejado céu do Ideal.

Nem corpo, nem espírito, encontram a plenitude almejada, como podemos também verificar no *Fausto*: nem ciência, nem Margarida, nem poder algum podem redimir o homem, calar a dor ou suprir esse desejo de totalidade que tenta alcançar em seu "Mundo interior".

Em *Quincas Borba*, o microcosmo humano está em constante luta com o macrocosmo divino. No capítulo XLVI, a cena do mendigo desafiando o céu prefigura todas as intrincadas relações humanas do romance e revela que o desejo do homem abarca muito mais do que ele pode possuir, produzindo uma constante insatisfação.

Olhavam-se numa espécie de jogo do siso, com certo ar de majestades rivais e tranquilas, sem arrogância, nem baixeza, como se o mendigo dissesse ao céu:

- Afinal, não me hás de cair em cima.

E o céu:

- Nem tu me hás de escalar.¹⁰

O olhar desafiador do homem, mesmo em condições extremamente desfavoráveis, tenta abranger a superioridade do universo. Desse modo, não achando resposta para as suas indagações e sofrimentos, o indivíduo usa o discurso racional para iludir a si mesmo quanto às próprias limitações.

A desilusão humana aparece também em outros poemas de *Ocidentais*, principalmente nas traduções de "O corvo", de Poe, e do monólogo "To be or not to be", de Shakespeare. Ao que parece, Machado não só formulava sua filosofia na escrita da poesia, mas traçava o roteiro da tradição literária acerca dos temas universais.

No poema de Poe, observamos a mesma configuração fáustica: um homem que busca no saber ou no misticismo sua verdadeira face ou o desvendar dos segredos da vida. Assim, no interior do quarto, onde o busto da Sabedoria (Palas) orna a parede, o homem interroga o pássaro negro, mas suas indagações resultam em uma resposta repetitiva, cada vez mais vazia e angustiante: "nunca mais".

O "eu lírico" de Poe assemelha-se ao *Fausto*, de Goethe, cercado pelos livros, "laudas antigas", refletindo sobre "velhas doutrinas" no seu quarto de trabalho.

¹⁰ ASSIS, Machado de. Obra completa. 1 vol. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. p. 678.

Em certo dia, à hora, à hora
 Da meia noite que apavora,
 Eu, caindo de sono e exausto de fadiga,
 Ao pé de muita lauda antiga,
 De uma velha doutrina agora morta,
 Ia pensando, quando ouvi à porta
 Do meu quarto um soar devagarinho.
 (...)

Eu, ansioso pelo sol, buscava
 Sacar daqueles livros que estudava
 Repouso, em vão, à dor esmagadora
 Destas saudades imortais
 Pela que ora nos céus anjos chamam Lenora,
 E que ninguém chamará mais.
 (...)

Supus então que o ar, mais denso,
 Todo se enchia de um incenso,
 Obra de serafins que, pelo chão roçando
 Do quarto estavam meneando
 Um ligeiro turíbulo invisível;
 E eu exclamei então: “um Deus sensível
 Manda repouso à dor que te devora
 Destas saudades imortais.”¹¹

A resposta do corvo, ao contrário do que o poeta deseja, não vem trazer alento ao coração, apenas resulta num eco que ressoa na consciência, anulando toda a sabedoria ou esperança depositada no homem: “Nunca mais”. De início, tenta crer que é a Providência Divina que o procura para aliviar-lhe as dores, mas, diante da resposta, suplica ainda mais aflito: “Ave ou demônio que negreja,/ Profeta ou o que quer que sejas!”. Deus ou um ente maligno, não importa, o homem apenas deseja uma resposta para suas incertezas, mas, como no poema machadiano, não pode desvendar “um segredo que atrai, que desafia – e dorme”.

Já o conhecido solilóquio de Hamlet, “ser ou não ser”, dá continuidade à questão existencial. O personagem é símbolo da impotência humana diante do vasto universo, que ora conspira, ora se mostra indiferente. Mais do que isso, Hamlet representa a consciência plena de que o riso ou o choro são a mesma coisa, vingar-se ou não da morte do pai não resulta em proveito ou perda. A personagem, portanto, se recusa a seguir o plano da existência, rejeita o papel de homem e vaga pelas margens da vida, como o defunto-autor machadiano.

Nietzsche, em *O nascimento da tragédia*, compararia a personalidade de Hamlet ao indivíduo dionísíaco, mostrando que, nas duas situações, teríamos um sujeito que reconhece a inutilidade de se ajustar, ou de compreender um mundo “fora do eixo”, a começar pela natureza contraditória do indivíduo.

¹¹ ASSIS. *Obra completa*. 3 vol. Op. cit. p. 569-73.

Nesse sentido, o indivíduo dionisíaco assemelha-se a Hamlet: ambos têm visão profunda, que lhes permite enxergar a verdadeira essência das coisas; ambos adquiriram conhecimento, e a náusea decorrente inibe-lhes a ação; e qualquer ação da parte deles seria incapaz de alterar a eterna natureza das coisas; *consideram* ridículo ou humilhante, o fato de serem chamados a corrigir um mundo que está fora de eixo. O conhecimento aniquila a ação; a ação depende dos véus da ilusão: eis a doutrina de Hamlet.¹²

Hamlet, portanto, é um dos personagens que atingem o âmago da problemática existencial do homem; assim, ele mesmo assume o perfil da indiferença, recusando-se a encenar o papel que o "grande teatro da vida" lhe impõe, arrancando definitivamente o véu das ilusões. Distancia-se, pois, da cena e só retorna para dar fim ao tedioso espetáculo humano, como faz Prometeu no poema de Machado: "acabara o suplício e acabara o homem". No caso do personagem shakespeariano, era preciso cerrar o pano para o definitivo aniquilamento do ato.

Shakespeare foi um dos autores a problematizar a realidade partindo de um filtro de consciência individual, revelando que a natureza dupla (ou múltipla) do homem o leva irreversivelmente à contradição. Assim, lemos na tradução de Machado a síntese da condição humana, delineada pelo personagem de Shakespeare:

(...) Quem ao peso
De uma vida de enfados e misérias
Queria gemer, se não sentira
Terror de alguma não sabida coisa
Que aguarda o homem para lá da morte,
Esse eterno país misterioso
Donde um viajor sequer há regressado?
Este só pensamento enleia o homem;
Este nos leva a suportar as dores
Já sabidas de nós, em vez de abrirmos
Caminho aos males que o futuro esconde,
E a todos acovarda a consciência.
Assim da reflexão à luz mortiça
A viva cor de decisão desmaia;
E o firme, essencial cometimento,
Que esta idéia abalou, desvia o curso,
Perde-se, até de ação perder o nome.¹³

O mundo interior do homem abriga o maior dos abismos. A questão principal da natureza humana envolve o sentido primordial do **ser** e do **não ser**. Segundo o pensamento shakespeariano, sem conhecermos o curso da existência e o que nos espera

¹² NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia*. Apud: BLOOM, Harold. *Shakespeare: a invenção do humano*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 491.

¹³ ASSIS. *Obra completa*. 3 vol. Op. cit. p. 576.

no devir, estamos sujeitos ao poder subversivo e persuasivo da nossa consciência, que nos induz a sobreviver e a resistir.

O homem luta por quimeras e, enfim, percebe que seu objeto de desejo não passa de nulidade, que ele, ainda assim, abraça com a avidez de um incomensurável desejo. Talvez o mesmo desejo descrito no delírio de Brás Cubas, que se revela por meio do olhar fascinado do personagem contemplando seu último suspiro de vida. Mas eis que Pandora, assim como Mefistófeles, reafirma a desproporção entre a restrita natureza humana e seus anseios ilimitados: “Grande lascivo, espera-te a voluptuosidade do nada”.

Artigo recebido em: 31 jul.2012

Aceito para publicação em: 20 ago. 2012